



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Instituições Federais de Educação  
Superior – GIFES  
Curso de Especialização**

Eliana Quaresma da Silva

**EXPOGRAFIA: Melhorar a comunicação com o público em uma exposição.**

**BELO HORIZONTE  
2018**

Autora: Eliana Quaresma da Silva  
Orientadora: Silvana Aparecida Silva dos Santos

**EXPOGRAFIA: Melhorar a comunicação com o público em uma exposição.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Gestão de Instituições Federais de Educação Superior.

**BELO HORIZONTE  
2018**

**EXPOGRAFIA: Melhorar a comunicação com o público em uma exposição.**

Eliana Quaresma da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade especialização, defendido junto ao Programa de Gestão das Instituições Federais de Ensino Superior - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – aprovado pela banca examinadora, constituída pelos professores:

---

Nome da Orientadora: Silvana Aparecida Silva dos Santos

---

Nome do (a) professor (a) indicado para avaliação

---

Nome do (a) professor (a) indicado para avaliação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família pela compreensão e apoio durante todo curso.

Agradeço, especialmente, as minhas colegas de trabalho e de curso, Adriana Machado e Melissandra Gomes, pelo imenso suporte no processo de escrita, nas atividades realizadas ao longo de todo curso e, sobretudo, pela companhia, apoio e incentivo.

Agradeço à orientadora, Silvana Aparecida Silva dos Santos, que me acompanhou e orientou na construção desse projeto de escrita.

Agradeço a toda equipe do curso Gifes, Curso de Especialização Gestão de Instituições Federais de Educação Superior da Faculdade de Educação da UFMG, pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos e com isso contribuir para meu crescimento profissional e pessoal.

Agradeço ao Diretor e Vice-diretor do Centro Cultural UFMG, Prof. Rodrigo Vivas e Marcos Domingos, respectivamente, por me liberarem para as aulas presenciais.

## RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a interação do público nas exposições de Artes Visuais do Centro Cultural UFMG. Com o objetivo de ouvir e responder as indagações desse público, foi feito um levantamento de autores de referência no campo da expologia, expografia e da comunicação visual, e a partir de seus apontamentos foi elaborado um questionário norteando os elementos referentes à recepção expositiva. O questionário foi aplicado na exposição temporária Visualidades e Memória, que aconteceu na Galeria Aretuza Moura do Centro Cultural da UFMG, no período de 05 de outubro de 2017 a 18 de fevereiro de 2018. O resultado do objeto de análise servirá como base para promover futuras melhorias no que se refere à expologia, no qual atuo como designer expográfico.

**Palavras-chave:** Expografia. Recepção expositiva.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Maquete eletrônica da Galeria Aretuza Moura, Centro Cultural UFMG. Exposição Imersão e Fúria, Artista Paulo Miranda, Fevereiro De 2016. ....	12
<b>Figura 2:</b> Organograma dos Setores de Trabalho .....	13
<b>Figura 3:</b> Maquete eletrônica da Exposição Imersão e Fúria, Artista Paulo Miranda, Centro Cultural UFMG, Fevereiro De 2016. ....	16
<b>Figura 4:</b> Visita Mediada à Exposição Trans, Artista .....	16
<b>Figura 5:</b> Gráfico com perfil dos entrevistados .....	24
<b>Figura 6:</b> Organograma do processo expográfico sintetizado .....	25

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

DAC – Diretoria de Ação Cultural

CCULT/UFMG – Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais

TAE – Técnico-Administrativa em Educação

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	APRESENTAÇÃO .....	9
1.2	CONTEXTUALIZAÇÃO .....	11
1.3	PROBLEMA.....	17
1.4	JUSTIFICATIVA.....	18
1.5	OBJETIVOS.....	19
1.5.1	Objetivo geral.....	19
1.5.2	Objetivos específicos .....	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO .....	20
3	METODOLOGIA .....	23
4	CRONOGRAMA .....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28
	APÊNDICE – Questionário.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTAÇÃO

A expografia compreende um conjunto de atividades pertinentes à elaboração de um projeto expositivo. Fazem parte dessa elaboração o planejamento, a produção, a divulgação, o educativo, a segurança e a avaliação. Enquanto o termo exposição consiste na apresentação dos objetos que compõem uma mostra, a partir de um tema definido pelo curador, com o objetivo de construir um diálogo. Segundo a definição de Cury, expografia: *“é a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológico e técnico para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma”*. (CURY, 2003, p.172 *apud* CURY, 2006, p. 27).

A ideia para implantação desse projeto de pesquisa e intervenção surgiu durante o desenvolvimento das atividades da autora, no Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais (CCULT/UFMG), como servidora Técnico-Administrativa em Educação (TAE) no setor de Expografia. Durante a elaboração do projeto da exposição *Imersão e Fúria*, na fase de pesquisa, pude constatar quão importante é entender o contexto em que se desenvolve o trabalho artístico para entender a obra. Na ocasião, o artista escolhido para expor disponibilizou as imagens de suas obras para que fizéssemos uma seleção, atendendo ao recorte temático proposto pelo curador. As obras eram predominantemente abstratas em tons terra, ocre, cinza e preto. Essas obras apresentavam grande expressividade em todo seu conjunto a partir de elementos muito marcantes como as cores, linhas, formas, texturas e sombras. Mas o que tudo isso significava? Qual mensagem o artista estava querendo passar? Só depois de uma profunda pesquisa sobre a trajetória do artista, suas referências e suas experiências é que o seu universo começou a se revelar e, então, a sua obra ganhou sentido. Conforme Gonçalves:

Quando as exposições são pensadas como meios de comunicação entre o público e a arte, a conjuntura cultural influi diretamente na compreensão da mensagem. Raras vezes o objeto, em si mesmo, é suficiente para remeter imediatamente os visitantes aos valores trabalhados na exposição. Relações precisam ser estabelecidas pelo público para se chegar a uma compreensão da mostra. Para tanto, o espectador, de antemão, precisa ter

– ou adquirir por via da exposição – informações sobre o objeto exibido. Ele precisa, também, captar quais os paradigmas que norteiam o conceito de arte num determinado momento da história, quais as tendências da época em que se insere a obra; e deve conhecer algo sobre o seu contexto social. (Gonçalves, 2004, p. 33-34).

O projeto expográfico tem como objetivo estabelecer um diálogo entre o público, o objeto exposto e o tema proposto pelo curador. Ciente dos objetivos expográficos, o profissional responsável pela expografia vai buscar relações formais para expressar o conteúdo proposto pela curadoria. Com base nisso, explora todos os elementos como: a disposição espacial dos objetos, a cor, a iluminação, a arquitetura e muitos outros, conforme a intensão da proposta. Esses elementos funcionam como recursos semânticos que possibilitam criar uma maior interação com o visitante. Cury afirma que:

Os recursos expográficos são variados. Textos, legendas, ilustrações, fotografias, cenários, mobiliários, sons, texturas, cheiros, temperatura compõem um conjunto de elementos enriquecedor da experiência do público, na medida em que potencializa a interação entre o público e o patrimônio cultural. (CURY, 2006, p. 46)

Para este estudo foram levantados os conceitos sobre expografia e sua importância na construção de um discurso expositivo contextualizado, com base nas contribuições apresentadas por Marília Xavier Cury (2005 e 2006), Lisbeth Rebollo Gonçalves (2004) e Rudolf Arnheim (2000) que destacam a importância da organização espacial dos objetos para percepção visual dos elementos. Já na comunicação, para alcançar uma maior interação do público com os objetos expostos, utilizou-se a contribuição da obra *Semiótica* de Charles Sanders Peirce (1993) que analisa os códigos, o processo de organização e a representação da informação em uma exposição.

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os centros culturais são espaços onde o homem entra em contato com diversas formas de manifestações artísticas e pode desenvolver um olhar mais crítico sobre a cultura e outros aspectos de seu cotidiano. No Portal Brasil, divulgado em 2009, com última modificação em 28/07/2014, foi publicado que há no Brasil cerca de 2500 centros culturais entre museus, teatros e bibliotecas que mantêm acervos e exposições. Esses espaços conservam e difundem as artes e a cultura de seu povo.

Os Centros Culturais costumam ser o ponto de encontro das comunidades pequenas, onde as pessoas se reúnem para conservar tradições e desenvolver atividades culturais que incluem a participação de toda família. Normalmente, as atividades dos Centros Culturais são gratuitas ou bastante acessíveis. Com isso, permite que as pessoas não fiquem de fora da programação por questões econômicas. A propriedade e manutenção dos Centros Culturais costumam ser estatal ou de cooperativas por se tratar de instituições sem fins lucrativos.

Dentro desse contexto e considerando a função social dos espaços culturais na difusão das artes, o Centro Cultural UFMG, desde sua fundação, em 1989, é um espaço que recebe diferentes projetos culturais da Universidade, da comunidade mineira e também de outras ações geralmente voltados para a cultura.

O prédio onde funciona o Centro Cultural UFMG foi construído em 1906 no estilo neoclássico. Sua área é composta de 2.188,84 m<sup>2</sup>, dois pavimentos e está localizado na Avenida Santos Dumont 174, esquina com rua da Bahia, com acesso para carga e descarga pela rua Guaicurus<sup>1</sup>. Inicialmente, essa construção foi pensada para abrigar um hotel, que foi usado como tal por pouco tempo. Logo depois, tornou-se a sede do Quartel do 2º Batalhão da Brigada Policial até o ano de 1911. No ano seguinte, o edifício recebeu a Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte, que foi incorporada à Universidade de Minas Gerais (UMG), atualmente

---

<sup>1</sup> Essa situação será totalmente efetivada com a conclusão da obra do Tribunal Regional do Trabalho - TRT, conforme acordo estabelecido entre as partes, quando da transferência do conjunto da antiga Escola de Engenharia para este órgão.

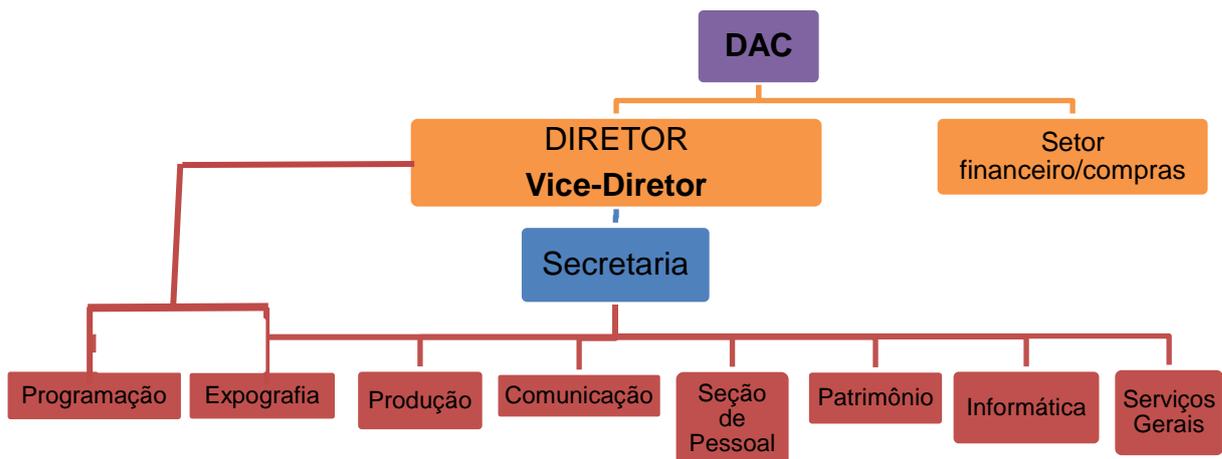
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tornando-se a sede do Instituto de Eletrotécnica da Escola Livre de Engenharia até 1981. Na mesma ocasião, a UFMG reuniu um grupo de trabalho e comissões para realizar estudos no a intenção de criar um “centro referencial de cultura da UFMG”, que tivesse ampla interação com a sociedade e a comunidade acadêmica por meio da promoção, incentivo e divulgação das variadas formas de manifestação cultural.

Atualmente, o Centro Cultural UFMG é um importante espaço de interação cultural entre a cidade e a Universidade e ao longo de sua existência realizou e realiza diversos tipos de eventos, tais como: exposições de artes, lançamentos de livros, sessões de cinema, experimentações artísticas em teatro e música e divulgação científica. Possui os seguintes espaços destinados às exposições: Sala Ana Horta, Sala Celso Renato de Lima e Galeria Aretuza Moura e Espaço Memória e Experimentação. Ainda dispõe de um auditório com 150 lugares, espaço de leitura e acesso à internet, oficina tipográfica, ateliê para residência artística em artes visuais, três salas para ensaios da residência artística em artes cênicas e também oficinas, pátio interno e sala destinada a atividades acadêmicas e culturais.



**Figura 1:** Maquete eletrônica da Galeria Aretuza Moura, Centro Cultural UFMG. Exposição Imersão e Fúria, artista Paulo Miranda, Fevereiro de 2016.  
Fonte: elaboração da autora 2016

As rotinas de trabalho desta unidade estão distribuídas em seu organograma de forma setorizada: Diretor e Vice-Diretor, Secretaria, Programação, Produção, Expografia, Comunicação, Seção de Pessoal, Patrimônio, Informática e Serviços Gerais. O setor financeiro/compras é gerido pela Diretoria de Ação Cultural - DAC e os recursos financeiros são oriundos também da DAC.



**Figura 2:** Organograma dos Setores de trabalho  
Fonte: elaboração da autora 2018

Na atual gestão, iniciada em 2014, com a direção do professor Rodrigo Vivas<sup>2</sup>, o Programa “*Visualidades e Memória*” passa a nortear os projetos tanto do Centro Cultural UFMG, que são os idealizados, planejados e executados pela equipe da unidade, quanto os projetos parceiros que são planejados e coordenados por professores convidados.

São projetos próprios do Centro Cultural: Projeto Galerias, Projeto Cena Aberta, Projeto CineCentro, Projeto Leitura e Acessibilidade Digital, Projeto Oficinas para Todos, Projeto Residência Artística, Projeto Circuito Cultural Praça da Estação, Projeto Congá Danças Tradicionais Mineiras, Projeto Velha Guarda do Samba de Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Rodrigo Vivas, Doutor em História da Arte, Professor da Escola de Belas Artes UFMG, Diretor do Centro Cultural e Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Atualmente, os projetos parceiros são: Prata da Casa (Escola de Música da UFMG), Barômetro (Diretoria de Divulgação Científica da UFMG), Música & Poesia (Faculdade de Letras da UFMG) e Dança Experimental (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG).

O Programa “*Visualidades e Memória*” propõe a articulação de dois cenários: a **Visualidade** que permite a artistas e grupos sem espaço próprio expor e divulgar suas obras tornando-as socialmente visíveis. Já a **Memória** recaptura o passado, valorizando-o e atualizando-o. A articulação da visualidade e da memória foi essencial na gestão do Projeto Galerias, pois estabeleceu como identidade do Centro Cultural as Artes Visuais.

É importante contextualizar que o Centro Cultural UFMG, desde sua inauguração em 1989, realiza exposições de arte em suas galerias. Dessa longa experiência, algumas rotinas e estruturas já estão consolidadas, tais como: o cronograma anual de ocupação dos espaços expositivos e a seleção de propostas por meio de edital anual, os convites e o atendimento à demanda da Universidade. Contudo, antes de 2014, havia uma grande diversificação de temas e áreas abordadas pelas mostras, como, por exemplo: a exposição dos 50 Anos da Aviação, a Exposição Itinerante do Acervo Espeleológico da Sociedade Excursionista e Espeleológica, entre outras. Com a atual gestão (a partir de 2014), algumas mudanças foram implementadas, tanto no foco do Projeto Galerias quanto nos editais de seleção de exposições, que a partir de então passaram a se orientar pelos pressupostos do Programa “*Visualidades e Memória*”.

No primeiro momento, em 2014, a gestão priorizou executar as propostas selecionadas nos anos anteriores de 2011, 2012 e 2013 – que não puderam ser cumpridas, à época, em razão das reformas de restauração das salas de exposição. Nesse mesmo ano, um novo edital foi lançado com algumas alterações importantes, como a definição do perfil dos inscritos que até então era muito ampla. Neste novo edital, ficou estabelecido que apenas artistas brasileiros ou estrangeiros poderiam enviar os projetos, pois anteriormente, o Centro Cultural UFMG acabava recebendo propostas tanto de artistas como, também, de instituições culturais e curadores.

Outra mudança se refere à criação da curadoria própria do Centro Cultural UFMG que até então era de responsabilidade dos próprios artistas. A curadoria definiu novos parâmetros para a seleção das mostras, já que introduziu critérios de qualidade e a necessidade de vinculação entre o que é exposto e a identidade da instituição.

Ainda no ano de 2014, a gestão idealizou e executou a exposição permanente “*Visualidades e Memória*”, aberta em 08/10/2014, que conta parte da história do prédio e de seu entorno por meio de fotografias históricas da antiga Estação Ferroviária, da construção da Praça da Estação e do Monumento à Terra Mineira. Com a abertura desta exposição, o Centro Cultural UFMG formalizou a utilização do espaço expositivo denominado Espaço Memória e Experimentação. Esse espaço é dividido em duas áreas de abordagem: na área Memória fica a exposição permanente “*Visualidades e Memória*”, enquanto a área da Experimentação recebe as propostas de artes visuais que interligam a perspectiva histórica com a vivência contemporânea da cidade. O artista que realizou a primeira exposição nesse espaço foi Betho Freitas<sup>3</sup> com a exposição “*A resistência da técnica e a imaginação*” em janeiro de 2015.

Mais uma vez, em 2015, as propostas selecionadas pelo edital de 2014 deixam de ser executadas e foram suspensas em virtude da greve dos servidores (11/06/2015 a 07/10/2015) estando o Centro Cultural UFMG fechado neste período. Em outubro deste mesmo ano, depois de encerrada a greve, as atividades foram retomadas e as exposições que se iniciaram antes da greve, “Zé do Monte: Mestre Tipógrafo” (exposição própria) e “Entreposto”, de Mário Azevedo, ficaram abertas ao público por mais um mês.

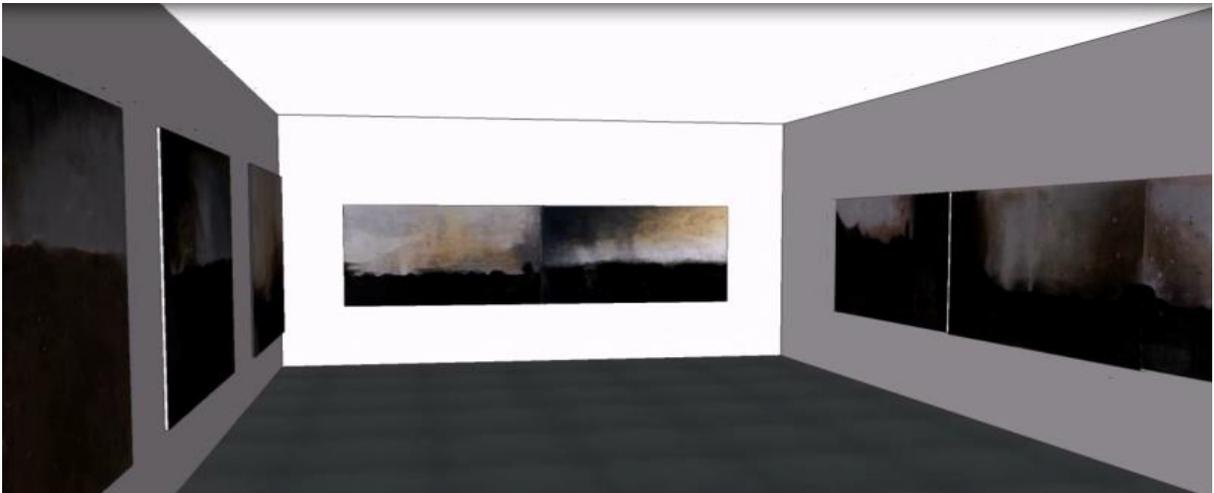
Em 2016, algumas exposições foram executadas por meio de convite pela curadoria. Em 2017, as propostas selecionadas pelo edital 2016/2017 foram suspensas devido à solicitação de reserva de todos os espaços no período de 25/01/2017 até 30/08/2017 pela Diretoria de Ação Cultural – DAC em nome da Reitoria da UFMG

---

<sup>3</sup> Betho Freitas, Bacharel em Artes Visuais pela UFMG, com habilitação em Gravura em metal e graduando em Artes Gráficas. Atuou em diversas coletivas em Belo Horizonte e outras cidades mineiras.

para execução da Exposição “*Desconstrução do Esquecimento: Golpe, Anistia e Justiça de Transição*”.

Com a chegada da autora, como servidora na área de Design, conclui-se a estruturação da curadoria, que se tornou mais efetiva com a criação do Setor de Expografia (responsável pelo planejamento e elaboração dos projetos para as exposições). As exposições executadas, a partir desse momento, passaram a associar um recorte curatorial, idealizado pelo curador, Rodrigo Vivas. Assim, o projeto expográfico, elaborado por essa autora, agora planejado e orientado por um tema, busca atender aos requisitos delimitados pelo curador, enquanto a equipe do Centro cultural UFMG passa a desenvolver todo o processo para realização das exposições, desde a publicação do edital, seleção das propostas, texto curatorial, elaboração do projeto expográfico, montagem da exposição, confecção de folder e/ou catálogo e divulgação.



**Figura 3:** Maquete eletrônica da Exposição *Imersão e Fúria*, artista Paulo Miranda, Centro Cultural UFMG, Fevereiro de 2016.  
Fonte: elaboração da autora 2016

### 1.3 PROBLEMA

O trabalho expográfico é recente no Centro Cultural UFMG, pois antes da chegada da autora, designer, atuando na expografia, a organização das mostras era realizada pelos próprios artistas, sem o devido planejamento necessário, o que gerava grande dificuldade para montagem e uma total desconexão entre as exposições e as atividades da instituição. As mostras eram concebidas nas galerias, mas não refletiam os próprios valores do Centro Cultural UFMG. Além disso, não existia uma conexão entre o servidor responsável pelo Setor Educativo, que conduzia as visitas mediadas, com a curadoria. A museóloga Marília Cury aponta a importância dessas relações:

A curadoria divide em quatro etapas: formação de acervo, pesquisa, salvaguarda (conservação e documentação museológica) e comunicação (exposição e educação). É através da comunicação que o museu se faz visível à sociedade e ganha forma social. (CURY, 2005, p.70)

O problema mais perceptível do processo curatorial no Centro Cultural UFMG ocorre entre a fase exploratória, que produz um grande volume de informação, e a apresentação final da mostra ao público durante as visitas mediadas. A cada exposição conta-se uma história e elabora-se uma nova narrativa, mas geralmente a informação produzida não é utilizada para enriquecer a percepção do público. Por isso, o grande desafio é: como oferecer mais elementos para melhorar o entendimento das histórias contadas nas mostras? O que fazer para o público acessar as informações produzidas pela expografia de modo a complementar a linguagem/história dos objetos? Como mensurar e ampliar a percepção do público visitante ao tornar disponíveis as informações que deram forma à exposição? Quais medidas serão necessárias para compartilhar essas informações com o público menos habituado a esse tipo de evento? Disponibilizar essas informações para o público explicaria muito sobre o que está sendo exposto e preencheria a grande lacuna que existe entre o objeto exposto e a mensagem que se pretende comunicar.

#### 1.4 JUSTIFICATIVA

O Centro Cultural UFMG está aberto ao público geral e a visitas mediadas para escolas previamente agendadas. As visitas às exposições eram apresentadas de maneira tradicional, destacando o autor, sua origem, um pouco de sua trajetória e suas obras. Não existia uma preocupação em contextualizar a exposição com os elementos que a conceituam, que a relacionam com a realidade, seja esta política ou social. Essa contextualização contribuiria muito para se estabelecer um vínculo e aproximação entre o público, o seu cotidiano e a obra. Segundo Cury:

A pesquisa de recepção estuda os modos e resultados do encontro entre a mensagem e seu destinatário. Assim, a recepção é o resultado da interpretação que o público faz da obra. Se a considerarmos uma exposição como obra (e a considero), a experiência do público ocorre pela apreciação que ele faz a partir do universo referencial, criando uma síntese subjetiva. O público, de fato, recria a mensagem da exposição, completando-a ou mesmo modificando-a. (CURY, 2006, p.38)

O contato dos jovens com a arte possibilita experiências de aprendizagem diferenciadas da escola curricular. É por meio dessa interação com a exposição que se constrói uma maior afinidade e aproximação dos estudantes com a arte e se estabelece uma comunicação mais afetiva e duradoura. Para estabelecer essa relação, é essencial elaborar uma narrativa contextualizada das obras/tempo presente, trajetória do artista/influências por eles vividas para serem apresentadas ao público e também nas visitas mediadas. Fazer do contato com a arte algo mais proveitoso e, assim, construir um vínculo maior com o ambiente das exposições, possibilitando que essa experiência venha se tornar um hábito, principalmente, para o público jovem.

## 1.5 OBJETIVOS

### 1.5.1 Objetivo geral

- Melhorar a comunicação entre as exposições de artes visuais do Centro Cultural UFMG e o público visitante.

### 1.5.2 Objetivos específicos

- Oferecer mais informações sobre as obras, o artista e a temática da exposição para que o público compreenda melhor a mostra, principalmente aquele que tem pouca familiaridade com a arte.
- Colher informações sobre como o público compreende a exposição, possibilitando adequações e correções no processo expográfico.
- Investigar a melhor maneira de apresentar, para o público, as informações que conceituam e definem as *mostras*, especialmente, o público escolar.
- Apresentar a exposição relacionando-a aos elementos do cotidiano do público, partindo do princípio que ele entende a exposição a partir das referências de seu cotidiano e, dessa forma, despertar o interesse pelo tema apresentado.
- Padronizar as informações direcionadas ao público das visitas mediadas. Assim, todos receberão as mesmas informações quando visitarem a exposição.
- Fazer uso dos recursos e meios tecnológicos disponíveis para uma boa comunicação com o público (TV, vídeos, internet, facebook, celular, SMS.), além dos meios convencionais (folder, cartaz, convite, banner...).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A função do projeto expográfico é estabelecer uma relação entre os objetos expostos, a proposta curatorial e o público, o porquê da escolha dos objetos, da escolha do nome para exposição e quais referências são encontradas nos objetos expostos. Essa tarefa de contextualização é uma nova abordagem incorporada à exposição que favorece a uma relação de aproximação. Antes, as exposições tinham um caráter impositivo sem uma preocupação com os sujeitos. Cury demonstra como era essa realidade:

No século XIX o museu foi o cenário da mudança de postura científica. De uma ciência positivista descritiva passou-se a uma ciência racionalista-contextualizadora, explicativa, discursiva e argumentativa. As exposições deixaram de ser catálogos classificatórios e taxonômicos e os museus passaram a abrigar exposições cujos objetos estavam contextualizados – uma explicação da realidade. Isso foi um avanço científico e expográfico. (CURY, 2005, p 26)

Novos significados e sentidos passaram a permear o processo de planejamento, concepção e montagem da exposição, que inclui como ponto de partida a experiência prévia do indivíduo. Para que a comunicação seja efetiva ela precisa ser incorporada como fonte de outro discurso (BACCEGA, 1998, p. 104). Desse modo, a mensagem adquire novas significações e as exposições ganham outros sentidos no contato e na interação com as pessoas.

O planejamento e execução das exposições requer um trabalho intelectual de curadoria e de expografia. A curadoria define os conceitos da mostra enquanto a expografia dá forma (a maneira como os objetos serão organizados, conforme o recorte temático), estabelece a linguagem a ser utilizada na exposição, por meio da organização espacial (distribuição dos objetos na planta da galeria), seleção e articulação dos objetos (associados aos elementos que darão destaque para percepção visual, de acordo com a intensão da proposta) como: equilíbrio, forma, cor, luz, movimento e expressão. Conforme define Rudolf Arnheim:

Assim definimos expressão: como maneiras de comportamento orgânico ou inorgânico revelados na aparência dinâmica de objetos ou acontecimentos perceptivos. As propriedades estruturais destas maneiras não são limitadas ao que é captado pelas sensações externas, elas são visivelmente ativas no comportamento da mente humana e são metaforicamente usadas para

caracterizar uma infinidade de fenômenos não sensoriais. (ARNHEIM, 2000, p. 438)

O projeto expográfico é elaborado buscando salientar os elementos visuais para expressão de seu conteúdo. As técnicas visuais são de fundamental importância para a construção da expressão visual, sua presença se faz necessária para o funcionamento da percepção humana. Dondis (1997) destaca alguns elementos nesse processo: “*equilíbrio e instabilidade, simetria e assimetria, regularidade e irregularidade, simplicidade e complexidade, minimização e exagero, singularidade e justaposição [...] repetição e episodicidade*”. (DONDIS, 1997, p.139.)

A curadoria em sua função de coordenar a expografia demanda aprofundamento constante por meio de estudos e pesquisas para planejar cada proposta. Esse processo de trabalho é complexo e se inicia com a realização de pesquisas sobre as obras, a biografia do artista e suas referências. Os dados obtidos são organizados seguindo um procedimento metodológico que utiliza os Princípios de Análise da Semiótica dos objetos que compõem a mostra. Cury divide o processo em quatro pontos por importância. São eles:

Os quatro pontos mais delicados do processo, por importância, estão na escolha do tema e sua aproximação com o público-alvo; na seleção e articulação dos objetos museológicos na construção do discurso expositivo e nas concepções espacial e da forma. Estes pontos constituem-se na base da qualidade interativa e da relação criativa entre o público e a exposição. Nesse sentido, eles são estruturantes da expografia como linguagem. Em outro sentido, os quatro pontos constituem-se na base da mediação cultural, mediação entre a pesquisa, o museu, o patrimônio cultural e o público. Exposição é uma forma de mediação construída. (CURY, 2006, p.99)

Seguindo a análise da semiótica para elaboração do projeto expográfico, busca-se nesse processo de organização uma aproximação dos objetos a serem expostos a algo que pode ser facilmente reconhecido pelo público. Essa proximidade faz com que o visitante compreenda melhor a mensagem que se pretende passar e construa novas narrativas por meio desses elementos que se relacionam com a sua realidade. Com isso, o objetivo do projeto expográfico é alcançar uma maior interação do público com os objetos expostos. Nesse sentido, a Semiótica de Peirce ou doutrina dos signos, contribui para a análise dos códigos e tem se apresentado adequada para os estudos sobre o sistema de significação, processo de organização e representação da informação em uma exposição. Para Peirce:

Um signo, ou representamem, é aquilo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo, assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que tenho, por vezes, denominado o fundamento do representamem. (PEIRCE, 1993, p. 94):

Dessa forma, as visitas a museus criam repertórios sobre o legado humano. Fazer isso por meio da mediação como forma facilitadora para o entendimento do mundo, seja pela arte, pela ciência ou pela história, cria no indivíduo importantes elos para a formação da autoestima, memória e identidade. As mostras de arte expõem aos visitantes, algumas vezes, realidades distantes ou até inimagináveis, propicia encontros estéticos, viagens simbólicas e, outras vezes, encontros perturbadores, quando coloca o objeto fora de seu lugar comum ou fora de seu tempo. São exemplos de viagens simbólicas: 1) obras do artista, Paulo Miranda. *Encontros perturbadores*: em etc. vídeo, trilogia da dor. 2) 2º Ato. 2012, o artista Domingos Mazzilli borda um bife de carne com pérolas.

Por meio da arte é possível sensibilizar o público para a importância da preservação, democratização da informação e do conhecimento. Por isso, faz-se necessário ampliar o acesso aos espaços culturais e assim equilibrar a relação exposição de arte e escola.



**Figura 4:** Visita Mediada à Exposição Trans, artista Domingos Mazzilli, Centro Cultural UFMG, Maio de 2016.  
Fonte: Acervo de registros do Centro Cultural UFMG

### 3 METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa e intervenção adotou como métodos de pesquisa o tipo exploratório/descritivo para analisar a comunicação da expografia nas mostras de artes visuais do Centro Cultural UFMG. Primeiramente foi feito um levantamento de autores que poderiam contribuir com o tema da pesquisa: EXPOGRAFIA: Melhorar a comunicação com o público em uma exposição. Identificados os autores: BACCEGA, CASTILLO, CURY, DONDIS, GONÇALVES, e PEIRCE, que muito contribuíram para direcionar essa pesquisa e analisar os conceitos de expografia, comunicação, forma, expressão visual, composição e mediação, destacando os elementos essenciais do tema.

Para o processo descritivo foi elaborado um questionário semiestruturado, com uma lista de perguntas abertas, que permitissem desdobramentos para além das perguntas previstas, e também questões fechadas para identificação do público que frequenta exposições.

A aplicação dos questionários aconteceu durante a exposição “*Visualidades e Memória*”, na Galeria Aretuza Moura, no CCult UFMG. No período de 1º a 30 de novembro de 2017, a própria autora dessa pesquisa, utilizou o seu horário de trabalho para a abordagem das pessoas que realizavam o percurso da exposição. No momento da abordagem elas eram convidadas a relatarem suas percepções sobre o que viram. Caso tivessem interesse em responder receberiam uma prancheta com o questionário e uma caneta, posteriormente devolvidos na portaria.

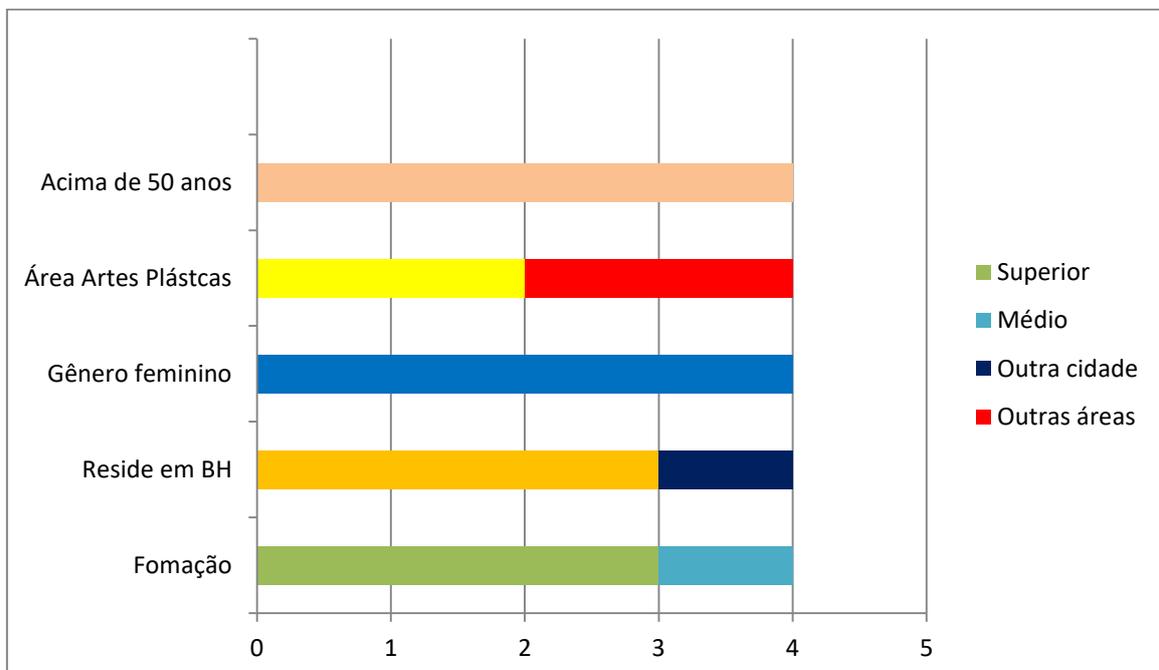
Para avaliação dos dados foi utilizada a técnica qualitativa, que permitiu a análise dos dados. Segundo Cury: “[...] a avaliação da exposição, ao trazer informações sobre como o público a compreende, assume a forma de feedback, realimentando o processo através de correções e/ou adequações no meio.” (CURY, 2006, p. 41).

Os dados coletados revelaram aspectos importantes sobre o tipo de público que visitaram a mostra, escolaridade, cidade, idade, sexo e área de atuação. A maioria do público entrevistado foi do gênero feminino, com formação superior, algumas da

área das artes plásticas, todas com idade acima de 50 anos e residentes em Belo Horizonte e região metropolitana.

Abaixo trechos de depoimentos demonstraram o entendimento do tema e destacam porque a contextualização é importante:

- “[...] para os “iniciantes” a contextualização do trabalho do artista e do seu trabalho é importantíssimo”.
- “Facilita, sobretudo para os que se interessam e não são da área”.
- “melhorar divulgação na mídia em geral”. (observação feita por um dos entrevistados).



**Figura 5:** Gráfico com perfil dos entrevistados  
Fonte: elaboração da autora 2018

Concluo que a partir dos resultados obtidos nesse estudo é possível dar início à elaboração do plano de ação para uma melhor compreensão das temáticas propostas nas exposições de artes visuais do Centro Cultural UFMG.

Para tanto apresento abaixo o organograma do processo de trabalho com a inserção das seguintes mudanças: elaborar texto contextualizando a mostra e sua apresentação (desenvolver apresentação utilizando os elementos destacados na

temática, com apoio de um designer gráfico); estabelecer um quadro com as datas para divulgação da exposição, junto à área de comunicação; e aplicar o questionário para avaliação da mostra com o público.



**Figura 6:** Organograma do processo expográfico sintetizado  
Fonte: elaboração da autora 2017



## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo foi de grande importância porque, segundo os comentários relatados no questionário aplicado, os elementos de destaque utilizados no projeto expográfico, atraíram e encantaram os visitantes. Assim confirmando sua eficiência para transmissão do discurso expositivo.

Também possibilitou estabelecer diretrizes para o acompanhamento do processo expositivo, e a partir deste estudo, toda mostra passará pela avaliação dos visitantes, por meio de um questionário. Este recurso será utilizado para as correções e adequações do projeto expográfico, desse modo, garantindo a boa qualidade do trabalho.

Outro ponto importante, que vale destacar, diz respeito aos autores que embasaram esta pesquisa. Suas considerações e apontamentos sobre o tema, expografia e seus desdobramentos, contribuíram significativamente com minhas expectativas e o desejo de aprofundar nesse caminho da comunicação por meio da expografia.

## REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte & Percepção Visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Nova Versão, 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BRASIL, Portal. **Centros Culturais**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/centros-culturais>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. **Cenário da Arquitetura da Arte**: montagens e espaços de exposições. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

**COMO Montar TCC**. Disponível em: <<http://www.comomontartcc.com.br/referencial-teorico-de-tcc/3-exemplos-de-fundamentacao-teorica-para-usar-no-seu-tcc/>> Acesso em: 28/12/2017

CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. **Fundamentos da semiótica peircena**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/38.pdf> Acesso em: 4 dez. 2016.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, /2006.

DABUL, Lígia. **Museus de grandes novidades: centros culturais e seu público**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832008000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832008000100011)>. Acesso em: 16 nov. 2016.

O DISCURSO curatorial como projeto artístico: do exposto ao contraposto. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/neiva\\_bohns.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/neiva_bohns.pdf)>. Acesso em: 23/10/17

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIFES. **Manual de TCC**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Pró-Reitoria de Recursos Humanos/Faculdade de Educação, 2017

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2004.

IBRAM. **Plano Museológico Museu de Arqueologia de Itaipu Museu SocioAmbiental de Itaipu 2011 – 2014** Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/.../PlanoMuseologico-MuseuSocioambientalItaipu>  
Acesso em: 22/11/2017

METODOLOGIA de Pesquisa do TCC: conheça os tipos e veja como definir. Disponível em: <<https://viacarreira.com/metodologia-de-pesquisa-do-tcc-143440/>>. Acesso em: 05/01/2018

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVA, Taxis Virgínia Gomes da.; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **Práticas informacionais expositivas: um estudo sobre o Museu Casa de José Américo**. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000014178/8b37d5ed52b902deadcd9eb35e098992/>>. Acesso em: 28/11/2017

## APÊNDICE – Questionário

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**  
**Curso de Especialização Gestão de Instituições Federais de Educação**  
**Superior – GIFES Faculdade de Educação**

Eliana Quaresma da Silva

Questionário para analisar o entendimento da exposição Visualidades e Memória.

Nome: -----Área de atuação-----

1. Idade----- Escolaridade-----

Cidade-----Feminino  Masculino

2. Você compreendeu a temática da exposição?

O que você compreendeu e quais elementos merecem destaque para você?  
 Ou o que você não compreendeu?

---



---



---

3. O que você acha que deveria ser feito para melhorar a comunicação nesta exposição?

---



---



---

4. Você acha que quando a exposição está contextualizada com informações sobre o artista (época, vida, referências e características de seu trabalho) facilita a compreensão da mesma? Sim  Não   
 Por quê?

---



---



---